



Síntese dos artigos submetidos ao I SNEA – Grupo de Trabalho 8

Romier da Paixão Sousa¹

¹Professor, IFPA/Castanhal, romier@terra.com.br

1. Introdução

O presente texto apresenta uma síntese de um conjunto de seis experiências apresentadas ao *I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia*. Possui como principal objetivo apresentar ideias gerais sobre os princípios e diretrizes que vêm sendo construídos nas diversas iniciativas de Educação Formal em Agroecologia no Brasil.

Os textos retratados nesta síntese são de origens diversas e buscam trabalhar com diferentes perspectivas a educação em Agroecologia.

O texto *Reflexões sobre o Ensino Superior em Agroecologia*, de Manoel Baltasar B. da Costa, é um apanhado histórico crítico sobre o ensino nas Ciências Agrárias no Brasil, dando ênfase às influências das políticas de desenvolvimento rural implementadas no País e sua articulação com processos de formação de mão de obra nas escolas e universidades, especialmente nos cursos de Agropecuária e Agronomia. O texto não traz o relato de uma experiência em especial, mas contribuições no que tange à formação em Agroecologia.

O texto *Construção de sociedades sustentáveis: buscando outros currículos na educação*, de Neiva M. F. Auler e Décio Auler, é uma contribuição interessante a partir da apresentação de uma experiência prática de formação no curso de Biologia ocorrida no Instituto Federal Farroupilha – RS. A experiência é centrada na descrição da aplicação metodológica, baseada nos ensinamentos de Paulo Freire, visando a formação de professores do curso de Biologia, mas, sobretudo, pautando temas relacionados ao debate da sustentabilidade. No caso em questão, o tema central desenvolvido na experiência foi o lixo.

O texto *O curso técnico em Agroecologia e o desenvolvimento sustentável do Território de Identidade Sertão Produtivo*, de Rosany Kátia V. M. Silva e Waldirene M. G. P. Marques, versa sobre a experiência de criação de um curso técnico em Agroecologia em um território na Bahia. A reflexão é realizada em torno dos desafios enfrentados pela equipe de professores para implementação de um curso diferenciado numa estrutura física inapropriada para as atividades práticas.

De autoria de Maria Virginia de A. Aguiar, Marcos A. B. Figueiredo e Maria



como Filosofia, Educação, Sociologia, Antropologia, Geografia. Elementos do pensamento sistêmico, da pedagogia freiriana, da Educação do Campo e da Sociologia Rural são perceptíveis nos textos.

No âmbito do pensamento agroecológico, ainda há uma forte tendência de uso dos autores internacionais, tradicionalmente conhecidos no meio acadêmico (Altieri, Gliessman, Sevilla-Guzmán, etc.). No plano nacional, autores como Petersen, Caporal, Costabeber são recorrentes nos textos. Talvez um desafio a ser vencido no avanço da educação em Agroecologia esteja relacionado à maior circulação, disseminação e valorização da produção científica, social e popular local, regional e nacional. É óbvio que a troca com outros postulados internacionais fortalecem uma construção no plano mais amplo, porém acaba-se por tangenciar a rica produção realizada a partir das experiências ecosociogeográficas mais próximas das realidades dos sujeitos educativos.

3. Apontamento sobre metodologias das experiências

Todos os textos trazem aspectos inovadores nas experiências descritas. Seja a partir de um curso técnico específico, um curso de pós-graduação, de um núcleo de pesquisa ou em uma leitura mais geral, há um grande esforço em inovar metodologicamente. Os textos apresentados trazem elementos interessantes e diversos de inovação pedagógica que apresentaremos a seguir.

A **interdisciplinaridade** aparece de maneira muito forte nas experiências no sentido de buscar confluências entre diferentes áreas de conhecimento ou temas gerais que possam articular melhor o conhecimento apreendido. Ainda há grande dificuldade na sua implementação tendo em vista a estrutura burocrática das instituições (institutos e universidades) e a sobrecarga de trabalho nos educadores. Porém, as experiências apresentam práticas interdisciplinares bastante ricas. Em algumas delas, a participação de educandos agricultores ou mesmo de agricultores fortalece a relação com o conhecimento popular, saindo apenas de uma busca de rompimento disciplinar para um rompimento nas práticas de hierarquização de saberes. O saber popular passa a ter seu reconhecimento. O perfil acadêmico multidisciplinar dos educadores tem sido fundamental para o avanço da interdisciplinaridade nas experiências educativas ora relatadas.

A **contextualização** a partir de elementos da realidade também é um elemento forte nas experiências. Sair dos muros institucionais, dos laboratórios, das salas de aula fechadas para o espaço rural parece-nos extremamente inovador, pois os estudantes



passam a articular o conhecimento teórico com a prática real, e não com algo abstrato, sem relação com o concreto. As iniciativas de formação têm desenvolvido diferentes estratégias para alcançar esse princípio metodológico. Porém, a problematização a partir de questões sobre a realidade acompanhadas de um conjunto de ferramentas de investigação parece-nos mais comum. O agroecossistema ganha força como unidade de análise nessa lógica e passa a ser um dos elementos a serem investigados, trazendo a articulação entre teoria e realidade.

Nesse sentido, a **pesquisa** como princípio educativo e metodológico também deve ser destacada. Os estudantes, em sua maioria, têm podido construir conhecimento novo sobre a realidade e os temas investigados. Isso traz outra possibilidade de construção de conhecimento, pois todos passam a ter algo para socializar, trocar, debater. O professor perde a unicidade do saber. Como nos fala Boaventura de Souza Santos, todos são ignorantes sobre algo e têm alguma coisa a dizer sobre algo. É essa incompletude que faz da produção de conhecimentos um ofício fantástico.

Outro aspecto relevante que apareceu em dois dos textos foi o exercício prático das atividades de formação. Aqui, destaca-se o princípio do **trabalho** no seu sentido mais ontológico. O trabalho, enquanto dimensão ontológica do ser humano, não pode ser utilizado no decorrer da formação no mero sentido de “aprender a fazer fazendo”, mas, sim, como práxis (prática refletida e constantemente ressignificada). Para não incidir no reducionismo clássico com o qual ele tem sido promovido historicamente pelas instituições de ensino de Ciências Agrárias, as ações práticas desenvolvidas pelo núcleo buscam permeá-lo por uma constante reflexão sobre elas.

O trabalho deve ser visto como elemento de potencialização da ação educativa dos seres humanos. A participação de estudantes em atividades nas instituições ou diretamente nos estabelecimentos familiares tem fortalecido o aprendizado coletivo e a valorização do fazer e saber camponês.

4. Considerações iniciais para o debate

Do ponto de vista do caminho a ser seguido, ainda há um debate em curso que me parece interessante refletirmos: continuar “agroecologizando” os diversos cursos de Ciências Agrárias ou construir uma nova área de formação. Essa me parece uma questão em aberto. Um dos textos fala em opção por uma possibilidade de construção de uma nova área de formação, deixando de lado os cursos “tradicionais” das Ciências Agrárias. Porém, outros textos demonstram claramente avanços, mesmo em contextos adversos,



dos princípios e métodos da educação em Agroecologia em instituições que não foram pensadas para esse tipo de abordagem.

De fato, percebe-se que há uma necessidade de pensar em diferentes direções, pois os contextos são bastante distintos e o tempo histórico de construção do conhecimento agroecológico deverá respeitar esses aspectos.

Outro aspecto relevante ao debate tem a ver com o perfil dos ingressos nos cursos, projetos, núcleos de Agroecologia. Será que somente os agricultores familiares camponeses deveriam ser privilegiados nesses cursos? Ou essa é uma demanda mais ampla? Como tratar os ingressos que não possuem uma vivência específica do espaço rural? A metodologia não deveria ser diferenciada na formação? Parece-me uma questão importante também.

Por fim, sem querer esgotar o conjunto de questões para o debate, uma que me pareceu importante nas experiências tem a ver com a estrutura que as instituições possuem para a formação em Agroecologia. Aqui, pelo menos, as dimensões de recursos humanos, infraestrutura física e as rotinas administrativas em grande medida não estão adequadas a processos de formação mais abertos, flexíveis, interdisciplinares e que veem nas organizações sociais dos agricultores familiares parceiras potenciais para o diálogo e a formação do conjunto dos sujeitos educativos. Como pensar mudanças mais estruturais nessa direção?